

## O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos

## The project of psychology as science of experience: raise and fall of the sense empire

Arthur Arruda Leal  
André Luis Pereira

---

### Resumo

O artigo analisa as transições conceituais no projeto da *psicologia enquanto ciência da experiência*, estudando o progressivo abandono do conceito de sensação. Este conceito, para a chamada psicologia clássica, representava uma espécie de unidade básica – objetiva e matematizável – da experiência, superando as críticas kantianas. A primeira perturbação neste paradigma sensorial foram as Gestaltqualitat postuladas por Eherenfels, uma experiência não redutível às sensações. Posteriormente, a *Escola de Berlim* se destacou perante as demais escolas gestaltistas (Graz e Leipzig), ao afirmar a autonomia das *Formas* com base em conceitos físicos como Campo e Equilíbrio, provocando o esgotamento e a ruptura com o modelo sensorial.

**Palavras-chave:** História da Psicologia; Paradigmatismo; Psicologia clássica; gestaltismo.

---

### Abstract

This article analyses the conceptual transitions in the psychology considered as *a science of human experience*, studying the progressive surpass of its sensorial model. The concept of sensation, in the beginning, was considered the basic unity of experience – allowing objectivity and mathematical formalization, surpassing the Kantians critics. The first problem that disturbed this paradigm was Ehrenfels's Gestaltqualitat, an experience not reducible to sensations. Afterwards, the Berlin's School had a special place between the other Gestalt schools (Graz and Leipzig), sustaining the autonomy of the

Structure, and referring it to physical concepts, such as Field and Balance, leading to the rupture with the sensorial model.

**Key-words:** History of psychology; Paradigmatism; Classical Psychology; Gestaltism.

---

No século XVIII, mais exatamente na década de 1730, Christian Wolff (1679-1754) publicou dois grandes volumes em latim que sistematizavam a psicologia da sua época: a *Psychologia Rationalis* e a *Psychologia empirica*. Estas duas psicologias partiam de abordagens diferentes: a primeira, de modo predominantemente lógico-conceitual, trabalhava a partir de definições apriorísticas; a segunda, de modo predominantemente factual, baseava-se nas observações da própria alma. Apesar da diferença de abordagem, ambas convergiam; segundo École (1990), para uma mesma classificação das faculdades da alma humana: 1) Faculdades do conhecimento – a) Faculdades sensíveis (sensibilidade, imaginação e memória); b) Faculdades intermediárias (atenção e reflexão); c) Faculdades intelectuais (intuição, juízo e raciocínio, todas elas na forma intuitiva e simbólica); e 2) Faculdades da apetição – apetite e aversão (nas formas sensível e racional).

No final do século XIX, na chamada fundação científica e institucional da psicologia por Wilhelm Wundt (1832-1920), havia uma outra classificação dos temas cruciais da psicologia. Esta classificação é delineada no livro mais sistemático de Wundt, o *Grundriss der Psychologie* (Esboço de Psicologia, 1998/1897): 1) Elementos psíquicos (sensações puras e sentimentos simples); 2) Compostos psíquicos (idéias intensivas, espaciais e temporais, sentimentos compostos, emoções e processos volitivos); 3) Interconexão de compostos psíquicos (consciência, atenção, associações e combinações aperceptivas); 4) Desenvolvimento

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

psíquico dos animais, crianças e comunidades mentais; 5) Causalidade psíquica e suas leis (de relação e desenvolvimento).

Estes temas, que iremos apresentar, nada têm, pois, de eternos - refletindo uma espécie de ordem imutável dos fenômenos psicológicos. São históricos, em um duplo sentido: refletem uma determinada forma de organização do conhecimento (a própria psicologia só é possível a partir do século XVI; antes, nem mesmo a palavra existia); refletem uma determinada forma de experiência humana, moldada por condições de época bastante específicas (a própria suposição da existência de uma interioridade individualizada só passa a existir entre nós a partir da Idade Média no bojo do cristianismo). Em outras palavras, tanto a psicologia como os próprios fenômenos psicológicos têm uma história, não no sentido de sua descoberta, mas da sua própria criação e invenção. A oscilação histórica dos temas cruciais à psicologia é, de certa forma, uma prova disto: os temas não apenas variam quanto à importância, eles mesmos surgem e desaparecem ao sabor das diferentes configurações do saber e das práticas sociais. Possuem o que os historiadores chamariam de "raridade".

Como, então, expor o campo de pesquisas sobre temas datados e fadados ao desaparecimento? Da forma apropriada ao solo histórico em que estes surgem: conforme as questões que norteiam o seu desenvolvimento e organizam o seu campo. É desta forma que, para abordar a psicologia alemã na virada do século XIX para o XX e o projeto de uma ciência da experiência, coloca-se a questão do conhecimento na relação com os objetos conhecidos. Esta questão desponta na filosofia do século XVII, após o esgotamento da forma tradicional do pensamento medieval, síntese entre os pensadores clássicos da Antigüidade greco-romana e os textos da Sagrada Escritura. A intensificação do comércio e da vida urbana, o surgimento dos Estados Nacionais, as Reformas religiosas, as grandes navegações e o contato com outras culturas, além do próprio

surgimento da física moderna, põem em questão o molde do pensamento medieval, lançando a filosofia do século XVI numa vaga ceticista. Perante a dificuldade de estabelecimento de qualquer certeza definitiva, o pensamento moderno irá buscar um novo fundamento: não mais se embasará no ser, como faziam os antigos, tampouco em Deus, como procediam os medievais. As novas certezas serão buscadas no interior do sujeito, no aspecto mais imediato do seu pensamento, mesmo que potencialmente enganado. Nessa suposta realidade imediata da nossa interioridade, os filósofos modernos, como René Descartes (1596-1650), ancoram as novas certezas do nosso pensamento<sup>1</sup>. Mas como, desta certeza primeira, se pode chegar ao conhecimento dos seres deste mundo? Como alcançá-lo sem recair nas armadilhas da ilusão, de um mundo apenas sonhado?

Neste cenário, o mundo não se apresenta mais de forma direta, não salta mais aos nossos olhos. Ao contrário dos antigos e medievais, as partículas dos objetos não adentram mais pelos nossos sentidos, não são recuperáveis e abstraíveis pelo nosso entendimento, não são tocadas pelas nossas palavras. A partir do pensamento moderno, conhecer é saltar do entendimento às coisas, fazer coincidir a imagem ordenada do objeto com o próprio objeto. Ao realismo dito ingênuo dos antigos, segue-se o realismo crítico dos modernos (os objetos existem, mas não se apresentam diretamente ao nosso espírito). É o que se chama de representação: conhecer é rerepresentar o objeto em uma imagem no entendimento. O que discutem inicialmente os filósofos modernos é onde, em nosso espírito, se produzem representações adequadas dos objetos. Para os racionalistas, como Descartes, só através de uma razão inata infundida por Deus podemos conhecer matematicamente as coisas - os sentidos só nos conduziram ao engano. Tal estratégia é igualmente adotada pelos primeiros físicos, como Galileu Galilei

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

(1564-1642). Para os empiristas como John Locke (1632-1704), por outro lado, todo conhecimento provém dos sentidos - as ilusões seriam provenientes de associações inadequadas.

A importância das impressões sensíveis para o pensamento empirista se radicaliza em pensadores como George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776), para os quais a própria existência dos objetos seria tributária da junção e associação de algumas impressões sensíveis. Para Hume, até o próprio sujeito conhecedor seria produto de uma série de impressões. Em outras palavras, descortina-se uma outra concepção de conhecimento, não mais como representação, mas como produção a partir de condições específicas. Os objetos não são mais os avalistas do conhecimento. Este movimento se conclui no que Immanuel Kant (1724-1804) caracteriza como "Revolução copernicana", em que o conhecimento não se centraria mais nos objetos em si (estes ninguém jamais saberia o que são), mas seria produzido a partir do sujeito do conhecimento, através de condições bastante específicas. Inaugura-se aqui o pensamento contemporâneo. Na esteira da filosofia contemporânea, outras concepções - como as dialéticas, os positivismos, os pragmatismos e as fenomenologias - refletem, com matizes bem específicas, esta nova relação entre o saber e os objetos, discutindo-se como se dá esta produção (espírito absoluto e trabalho, experimentação pública e controlada, ação ou atos intencionais da consciência, respectivamente).

De todo modo, impõem-se historicamente, de modo esquemático, três grandes orientações na história do tema do conhecimento dos objetos: 1- O conhecimento se dá no contato direto com os objetos (tese da apresentação ou realismo ingênuo); 2- O conhecimento se dá como adequação entre a imagem ordenada do objeto e o próprio objeto (tese moderna da representação); 3- O conhecimento se dá como produção dos objetos a partir de condições específicas (tese contemporânea da produção).

## **A questão do conhecimento na psicologia alemã do século XIX**

A questão do conhecimento postulada na filosofia moderna não é herdada de forma intocável pela psicologia. O tema é herdado de forma diferencial, conduzindo a versões que não se concluem necessariamente no modelo representacional. Como é ela herdada, de modo mais específico? A questão que nutre a formulação da psicologia no século XIX é algo complementar à da busca da verdade no interior do próprio sujeito: trata-se da questão do erro. É neste aspecto que Aron Gurwitsch (1935: 107) vê a origem da psicologia na questão da ilusão, como uma desculpa do espírito frente à Razão, identificada com o ideário mecanicista da ciência iniciante no século XVII:

“O que caracteriza essencialmente a física, tal como nós a conhecemos, é a separação definitiva que ela estabelece entre a realidade verdadeira e as aparências ‘subjetivas’. O mundo não é como ele parece ser, tal como se oferece à percepção ordinária, na verdade ele é como a ciência física consegue construí-lo”.

Esta problemática do Espírito fora detectada por Galileu e Descartes na divisão entre as qualidades primárias e secundárias. As primeiras, como a extensão e o movimento, pertenceriam aos objetos. As segundas, como cor, odor, som, beleza e significado, seriam meramente subjetivas, propriedades projetadas involuntariamente pelos sujeitos nos objetos puramente mecânicos da física (os quais apenas possuiriam extensão, velocidade e força). Pensar no Espírito como ponto da verdade implica, como tarefa

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

complementar, pensar o que nele conduz ao equívoco. Será este “serviço sujo” o que a psicologia inicialmente herdará da questão do conhecimento moderno. Nas palavras de Gurwitsch (1935:107):

Segundo as ciências físicas, eis todo o aspecto fenomenal do mundo: as qualidades consideradas secundárias, os caracteres de valor de toda as espécies, os momentos teleológicos que ele parece conter, etc., não constituem nada de real; com estes fatos estamos na presença de uma contribuição que se deve à subjetividade humana, e que o homem, graças a sua constituição psico-fisiológica, projeta sobre um universo que é de outra natureza... A psicologia é colocada diante da tarefa de mostrar, como, sendo dada à realidade objetiva e, por outro lado, a constituição psico-fisiológica do homem, o universo pode assumir este aspecto fenomenal e “subjetivo”, que uma tendência natural nos leva a considerar como a própria realidade.

Esta é a primeira diferença na forma com que a psicologia a incorpora esta herança filosófica no século XIX: o que está em questão na psicologia é o erro, a percepção comum, e não a representação adequada. Nas palavras de Wundt, a psicologia deve almejar ao estudo da “experiência imediata”, em contraposição à “experiência mediata” da física, intermediada por conceitos e instrumentos. Graças a esta diferença, Wundt, citado por Danzinger (1980), reconhece em Galileu a fundação da psicologia, ao diferenciar as qualidades primárias das secundárias ou subjetivas. A psicologia estuda apenas estas últimas, na sua forma imediata.

Contudo, esta não é a única singularidade na forma com que a psicologia herda o problema do conhecimento, via percepção. Crary (1990) destaca que há uma mudança no modelo do próprio percebedor. Este não mais é entendido como um espírito que percebe através das fendas de um corpo opaco, de uma “janela da alma”, como ocorria nos séculos XVII e XVIII (modelo que Crary designa como o de uma “câmara escura”)<sup>2</sup>. A partir do século XIX, o

percebedor é tomado como alguém que constrói o mundo pelo corpo (seus nervos, músculos e órgãos sensoriais). Esta encarnação do conhecimento no corpo leva Cray a designar este modelo de percebedor como “estereoscópico”, dadas as singularidades com que o nosso aparato fisiológico constitui o mundo percebido. Por quais razões se dá tal mudança? Dentre elas estão as novas exigências do conhecimento no século XIX, em que as ciências, para serem reconhecidas, deveriam possuir objetividade e formalização matemática. Estas novas exigências, formuladas por filósofos como Immanuel Kant e Augusto Comte (1798-1857), colocaram a psicologia do século XVIII em questão, conduzindo a que este saber buscasse apoio em outros saberes cientificamente reconhecidos, como a Fisiologia, e posteriormente a Física, a Biologia, a Sociologia, a Informática etc. Em boa parte, são estes os saberes que forjam as versões que temos na psicologia da percepção. A psicologia coloca-se, então, como uma ponte entre os problemas herdados da filosofia e os modelos objetivos que ela busca em outras áreas.

### **A psicologia como ciência da experiência (ou física do sentido externo): o modelo fisiológico**

Nossa história começa na Psicologia do século XVIII, mais especificamente na proposta de psicologia de Wolff exposta no início do presente texto. Enquanto tentativa mais sistemática de formulação da psicologia, ela visava, na sua forma racional e empírica, descrever a natureza da nossa alma, classificando as suas principais faculdades e relacionando a sua natureza à do nosso corpo material. Kant, como pensador inaugural da filosofia contemporânea, foi o formulador da derradeira crítica a esta forma de psicologia. Em função da *revolução copernicana* efetuada na teoria do conhecimento kantiana é que as psicologias racional e empírica de Wolff são

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

criticadas, já que não podiam ser uma ciência legítima do nosso espírito, operando da mesma maneira com que um físico descreveria os eventos naturais. Examinemos, pois, as críticas e os vetos a essas psicologias.

A Psicologia Racional é um dos alvos da *Crítica da Razão Pura* (1781/1994), o texto mais importante da filosofia crítica de Kant, em que ele busca estabelecer os limites para o nosso conhecimento, especialmente para a nossa razão pura, não mais balizada por qualquer base empírica. Ao mesmo passo que este balanço entre o racional e o empírico é bem executado por algumas ciências, como a física, certas filosofias, como a metafísica, entregam-se ao devaneio da razão pura. O argumento básico contra a Psicologia Racional é que este balanço entre o racional e o empírico não é bem executado: o suposto conhecimento racional de uma alma imortal está assentado, na verdade, na experiência do sentido interno fenomenal, que diz respeito ao próprio tempo da consciência (objeto da Psicologia Empírica). Nada teria a ver, pois, com qualquer abordagem a priori da alma imortal. Este seria impossível: a condição a priori do nosso conhecimento, o *Sujeito Transcendental*, é para Kant a condição de todo o conhecimento, mas jamais objeto de qualquer conhecimento.

Kant conclui que a Psicologia Racional, portanto, é impossível, e que tudo o que venha a se afirmar do saber psicológico é, na verdade, Psicologia Empírica. Esta, inclusive, estaria mais próxima do projeto que norteará o surgimento da Psicologia Experimental no século XIX, visando estudar as ilusões da experiência imediata. Mas persiste a pergunta: caberia uma ciência aqui? A resposta de Kant, nos *Princípios Metafísicos da ciência da natureza* (1786/1989: 32-33), é que a Psicologia Empírica não seria sequer uma ciência *impropriamente dita*, como a química, a qual, na época de Kant (passagem do século XVIII para o XIX), ainda não operava com relações matemáticas e, portanto, ainda não era uma ciência

*propriamente dita*. Basicamente, para se provar ciência, a Psicologia teria que:

1)Descobrir o seu elemento de modo similar à química, para com isto efetuar análises e sínteses;

2)Facultar a este elemento um estudo de tal modo objetivo, que sujeito e objeto não se misturem, como na introspecção;

3)Produzir uma matematização mais avançada que a geometria da linha reta, apta a dar conta das sucessões temporais do sentido interno.

Aqui é que se faz necessário o apoio da psicologia na fisiologia: a superação destes vetos cabe aos fisiólogos do século XIX. e, em especial, a Gustav Fechner (1801-1887). O primeiro problema listado, a falta de um elemento objetivo, será suprido pela *teoria das energias nervosas específicas* de Johannes Muller (1801-1858), formulada explicitamente em seu *Manual de Fisiologia* de 1826. Para este fisiólogo, cada via aferente possuiria uma energia nervosa específica que se traduziria em uma sensação específica de cada nervo. Assim, por exemplo, o nervo ótico excitado pela ação da retina ou por forças mecânicas e químicas produz sempre imagens luminosas. O mesmo ocorreria com os demais sentidos. Seria uma espécie de kantismo fisiológico, em que o mundo percebido seria uma mera propriedade das nossas energias nervosas específicas (o que Galileu havia chamado de qualidades secundárias), estimuladas sempre por um fator físico qualquer, não importando a sua natureza. Trata-se de um elemento preciso, corporalmente situado como fenômeno, ao contrário das *idéias* e *impressões* descritas pelos empiristas. É por tal razão que a *sensação* vai se oferecer como elemento para uma possível psicologia: ela ligaria o mundo físico que constantemente estimula os sentidos; o fisiológico, uma vez que as energias nervosas específicas estão ligadas aos nervos; e o psicológico, uma vez que a sensação seria a base de nossas

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

representações. E quem desenvolverá este aspecto, junto com a solução do segundo problema kantiano, será um discípulo de Müller, Hermann von Helmholtz (1795-1878).

Helmholtz elaborou, em 1860, uma teoria sobre o surgimento das representações psicológicas, ou das apercepções, que, no seu reverso, irá fomentar um novo método para o estudo objetivo das sensações. A teoria proposta é a das *inferências inconscientes*, de claro cunho empirista, e o método, o da *introspecção experimental*, bem diferente, como veremos, do produzido na psicologia filosófica. As nossas sensações seriam organizadas por experiências passadas, aptas a ordenar de modo inconsciente e rápido as informações trazidas pelos sentidos, produzindo, como conclusão, as nossas representações psicológicas. O modo de análise das sensações, a introspecção experimental, se processaria no inverso dessas sínteses inconscientes, visando neutralizar os efeitos dessa inferência operada pela experiência passada. Para neutralizar esta síntese inconsciente, processa-se então uma análise consciente, em que os sujeitos dos experimentos são treinados para reconhecer o aspecto mais bruto e selvagem de nossa experiência. Este treinamento dos sujeitos, que faz com que este estudo não possa ser feito sobre crianças, primitivos ou doentes mentais, visa evitar o *erro do estímulo*, qual seja, a confusão do objeto percebido com os juízos inconscientes acumulados pela experiência passada. Por isto, o estudo objetivo das sensações em um sujeito só poderia ser feito se este mesmo sujeito fosse também um fisiólogo, apto a distinguir o joio da experiência passada do trigo das sensações.

Restava ainda o problema da matematização, o terceiro colocado por Kant. É aqui que entra a psicofísica de Fechner, delineada nos *Elementos de Psicofísica*, de 1860. Pode-se dizer que ela também oferece uma resposta experimental ao segundo veto kantiano, a falta de uma metodologia objetiva; mas a sua principal conquista está em oferecer a qualquer estudo psicológico a possibilidade de desenvolver

uma matemática mais avançada que a geometria de uma linha reta. E isto, através do estabelecimento da primeira lei matemática, por ele batizada de Lei Weber-Fechner, em função do aproveitamento da equação desenvolvida por Ernest Weber (1795-1878) sobre a relação de proporcionalidade entre as *diferenças apenas percebidas* entre estímulos e os valores absolutos destes. Além de complexificar a equação, Fechner transformou as *diferenças apenas percebidas* em sensações, sugerindo a primeira medição psicológica na relação com os estímulos físicos.

Por se tratar da superação do último veto kantiano é que se pode dizer que o trabalho de Fechner representa o primeiro pilar de uma psicologia a se configurar como cientificamente reconhecida (ao menos nos parâmetros do século XIX). Contudo, a correlação entre o físico (estímulo) e o espiritual (sensação), para Fechner, não visava provar uma psicologia matematizável, mas provar o duplo aspecto de uma mesma natureza, extensível a todos os seres, o seu *panpsiquismo*. De toda a forma, esta formulação matemática foi a derradeira senha que liberou a organização e sistematização do primeiro projeto da psicologia com reconhecimento institucional: a psicologia enquanto ciência da experiência, formulada por Wundt em Leipzig e concretizada no plano do primeiro curso de formação universitário. Como poderíamos caracterizar este projeto?

### **As escolas psicológicas do final do século XIX (a psicologia clássica)**

Antes de expormos o projeto da psicologia enquanto ciência da experiência, é necessário distinguir o que entendemos por projeto, em contraposição a uma teoria ou escola específica. Por projeto, entendemos um arcabouço mais amplo, que determina as principais diretrizes de uma ciência ou saber, isto é, seu objeto, seus conceitos,

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

seus modelos, seus métodos e problemas pertinentes. As escolas e suas teorias, na verdade, são possíveis respostas ou abordagens dentro de tal enquadre. Duas escolas, por exemplo, podem se digladiar dentro de um mesmo projeto. Balizado o que chamamos de projeto, passemos à delimitação do que chamamos de “Psicologia enquanto ciência da experiência”.

Em linhas gerais, este projeto mescla as questões e objetos da filosofia do século XVIII (a nossa experiência comum como aquilo que se distancia o máximo da realidade, tal como descrita pelos físicos) com o manancial metodológico e conceitual dos fisiologistas (o conceito de sensação e o método da introspecção experimental). O problema da experiência conduz à distinção, operada por Wundt, entre experiência imediata (ou psicológica) e a mediata (ou física), posteriormente reformulada por Eduard Titchener (1867-1927) como distinção entre experiência dependente (do sistema nervoso) e independente (física). Impõe-se o problema do conhecimento, uma vez que se demarca a diferença entre uma experiência passível de representação do mundo (a física), em contraste com outra notadamente falseadora (a psicológica).

A necessidade de explicar as causas deste falseamento coloca-se na seqüência. Para tal, a experiência imediata ou psicológica deveria ser estudada por uma forma de experiência mediata, a introspecção experimental, na qual os sujeitos – devidamente treinados – deveriam decantar, da totalidade da experiência, os seus aspectos sensoriais. Importado da fisiologia, o conceito de sensação se colocava como uma espécie de unidade básica da experiência, capaz de dar conta de variações discretas de energia no interior dos nervos e passível de formulação matemática nos meandros da comparação psicofísica com as gradações dos estímulos físicos. Esta se tornou a garantia de cientificidade da psicologia e lastro de toda a experiência.

Ao tematizar como seu objeto a experiência, poderíamos dizer que toda esta psicologia era, em última instância, psicologia da

percepção. Contudo, deve-se observar que aqui não encontramos o tema da percepção como o conhecemos hoje em dia. A percepção era resumida aos aspectos sensoriais da experiência, tradição que vem dos fisiólogos do século XIX. Os aspectos mais globais da experiência (molares) eram chamados azeptivos, e era aqui que se situavam as teorias psicológicas, diferenciando-se as escolas na explicação de como se formava a nossa experiência total (ao contrário dos aspectos sensoriais-moleculares, objeto da fisiologia). Ou seja, tínhamos sempre explicações dualistas, em que o nível sensorial (perceptivo) era destacado na sua correspondência direta com os estímulos físicos (hipótese da constância). Vejamos como as principais escolas da época se diferenciavam quanto aos aspectos globais da nossa experiência total.

Consideremos inicialmente a psicologia de Wilhelm Wundt; esta não se filia a uma perspectiva associacionista, em que a nossa experiência imediata seria a mera soma de uma série de sensações elementares. Apesar de crer na validade conceitual do conceito de sensação (postura elementarista), Wundt vai pensar a totalidade da nossa experiência como uma síntese em que o todo seria maior que a soma das partes. A realidade psíquica, tal como apreendida pelo sujeito, seria global e contínua, enquanto produto de uma série de fusões.

Na cartografia que Wundt promove da nossa consciência, observa-se a constituição de uma série de patamares, que promovem sínteses em relação aos anteriores, desde o nível mais elementar das nossas percepções (sensações e sentimentos) até os processos azeptivos. Assim, já no nível elementar impõe-se uma diferença entre os componentes objetivos (as sensações) e os subjetivos (os sentimentos). Os primeiros seriam referidos às propriedades dos objetos e seriam contínuos em suas gradações (tom, brilho, pressão, etc.). Os segundos seriam referidos a nossa avaliação destas

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

experiências, e seriam discretos, apresentados na forma de pares (tensão/alívio; calma/excitação; prazer/desprazer). As sensações se complexificariam em representações; os sentimentos, em sentimentos complexos, afetos e processos volitivos. Estes poderiam desencadear processos externos (ações) ou internos (atenção). Se esta atenção é passiva, temos uma associação (uma ligação fraca entre os termos e sem sensação da participação do sujeito); se ela é ativa, temos uma apercepção, que reúne de forma forte todos os seus elementos constituintes, promovendo fusões e sínteses, com sensação de participação pelo sujeito.

A apercepção é o que se encontra na base dos processos superiores, e é o que deve ser controlado para realizarmos introspecção experimental e chegarmos aos elementos mais simples da consciência. Para estudar os processos superiores (aperceptivos), Wundt propõe uma outra metodologia não-experimental, a psicologia dos povos, baseada no estudo de manifestações coletivas como a linguagem, os mitos e os costumes.

O trabalho de Wundt costuma ser equivocadamente associado ao de Titchener e de sua escola, o Estruturalismo. É verdade que Titchener foi assistente de Wundt em Leipzig e seu principal divulgador nos EUA. Mas se diferencia de seu mestre alemão por diversos aspectos. Em primeiro lugar, por adotar uma definição mais estrita da psicologia, ao relacioná-la ao uso exclusivo do método introspectivo e à pesquisa das sensações. Num esforço mais semelhante ao trabalho de fisiólogos como Helmholtz, Titchener teria mapeado cerca de 45.000 sensações, produzindo quase que uma tabela periódica destas. Não haveria em seu sistema espaço para a psicologia dos povos de Wundt, por exemplo. Diferente de Wundt (e semelhante a Helmholtz), Titchener advoga uma concepção associacionista na psicologia, em que só haveria três elementos: sensações, imagens (sensações preservadas na memória) e significado, combinados pela atenção e pela associação.

No entanto, este império das sensações associadas (Titchener) ou fusionadas (Wundt) começou a ser paulatinamente posto em questão. De início, com relação à sua exclusividade no campo da nossa experiência, e principalmente através de duas escolas: a Psicologia do Ato e a Escola de Wurzburg - a primeira de modo mais conceitual, a segunda de modo mais empírico. A Psicologia do Ato de Franz Brentano (1838-1917), proposta especialmente através do clássico *Psicologia do ponto de vista empírico*, sugere um modo alternativo de produção deste saber, muito distinto do de Wundt. Se esta psicologia, como as demais da sua época, tivesse se devotado aos conteúdos que a nossa consciência é capaz de apreender, ela não teria apreendido os modos pelos quais a consciência se volta ao mundo, chamados de atos intencionais. Este conceito nada teria a ver com a idéia de uma intenção ou vontade, mas com uma qualificação da nossa consciência operada por São Tomás no século XIII: uma de suas propriedades fundamentais é estar voltada para os objetos. Numa formulação mais tardia, devida a Jean-Paul Sartre (1905-1980), quando se perde a consciência (ao desmaiarmos, por exemplo) perde-se também o mundo. Neste aspecto reside a radicalidade do projeto de Brentano: se os elementos que a consciência descortina são objetos da física (como defende, por exemplo, toda a pesquisa sobre as sensações), somente o estudo dos atos intencionais configuraria a psicologia. Neste caso, teríamos três grandes tipos de atos: os de juízo (percepção), ideação (pensamento) e amor-e-ódio. No caso dos estudos de percepção, não nos interessaria mais estudar os conteúdos sensoriais, suas fusões e associações. Ficaríamos apenas com o ato da consciência de se voltar para o mundo de modo perceptivo, os atos de juízo.

Ainda que a proposta de Brentano tenha vingado de modo mais claro na filosofia, através da escola fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Sartre,

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

na psicologia, uma vertente semelhante, porém mais modesta, teve mais repercussão: a Escola de Wurzburg (composta por Oswald Külpe, Augusto Messer e outros). Cabe destacar o desafio realizado por esta pequena escola ao império dos conteúdos sensoriais, o que rendeu longa polêmica com Wundt no início dos anos 1900. O desafio dizia respeito à existência, em nossa consciência, de um componente irreduzível às imagens sensoriais: o pensamento ou as atitudes. Estes não seriam produtos complexos de sensações, mas algo capaz de alterar perceptos e recordações. E nada teriam de mágico ou inefável: seriam obtidos através de simples instruções como seriar, rimar e inverter um determinado material previamente memorizado. Os erros e o aumento no tempo de recuperação deste material seriam a prova da existência deste fator irreduzível a imagens.

Todos estes autores e escolas citados, contudo, vinculam-se à questão da representação, uma vez que no fundo deste projeto insinua-se o problema da distância entre as representações adequadas (da ciência) e as inadequadas (do senso comum). Ainda que estas estejam ancoradas em uma representação mais imediata (mas nem por isso mais fiel) dos estímulos físicos, a meta é entender os mecanismos que governam os desvios da nossa experiência comum – e naturalmente equivocada. Ainda conservando nossa experiência como alvo, a invenção (ou descoberta) de uma determinada espécie de experiência, as qualidades da forma, irá alterar as linhas gerais deste projeto psicológico e a maneira com que o problema da representação é herdado.

### **Ascensão e queda do gestaltismo**

Desde a proposta de Franz Brentano de uma *Psicologia Empírica* centrada nos atos intencionais até a polêmica de Wundt com a Escola de Wurzburg sobre a possibilidade de um pensamento sem imagens (base sensorial), houve alguns pequenos abalos no paradigma

sensorial. A sensação, ainda que pudesse ser problematizada quanto a sua onipresença em todos os fenômenos psicológicos, não tinha a sua existência posta em questão. Ou seja, todas as escolas admitiam a Hipótese da Constância, que preconiza uma relação inequívoca entre Estímulo físico (E) e Sensação (S). A grande perturbação neste paradigma sensorial proveio daquilo que Christian Von Eherenfels chamaria de *Qualidades da Forma*, que se referiam a um conjunto de experiências irreduzíveis a seus termos elementares - como a de uma melodia que não se resume à soma de seus tons auditivos e permanece inalterada, mesmo com a modificação em escala desses tons. Ainda que a suposição destas Qualidades da Forma não excluísse, para Von Ehrenfels, a existência das sensações, configurava-se agora um novo tipo de conteúdo experiencial (a novidade não se reduziria mais a atos ou processos). Esta perturbação no paradigma foi diferentemente acolhida pelas três escolas gestaltistas.

A Escola de Graz (Alexius von Meinong e Victor Benussi) interpretou estas Qualidades da Forma de maneira conservadora, enquadrando-as dentro do paradigma sensorial, ao entendê-las como produtos ideais do intelecto (de caráter *Superiora*) a partir do material real das sensações (de caráter *Inferiora*).

A Escola de Leipzig (Felix Krüger e Friedrich Sander), por sua vez, lançou um desafio ao paradigma sensorial, ao questionar a existência das sensações e ancorar as Qualidades da Forma nos sentimentos - tentativa de revolução na forma de condução da psicologia da época que não obteve o consenso necessário, talvez porque propusesse uma alternativa que solapava a base científica da psicologia de então (sensação), substituindo-a por uma base vaga (os sentimentos).

Contudo, foi a Escola de Berlim (Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler) que conseguiu produzir uma revolução bem

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

sucedida ao afirmar a autonomia das formas com base em conceitos físicos como campo e equilíbrio. Se a Escola de Berlim não conseguiu um consenso absoluto na Psicologia alemã das décadas de 1910-30, ela produziu um esgotamento do modelo sensorial neste período, transformando a psicologia anterior em clássica, além de formar um significativo grupo de pesquisa que pôde, inclusive, fazer frente a escolas da psicologia norte-americana, como a behaviorista. À guisa de conclusão, deve-se dizer que a transformação empreendida pela Escola de Berlim não trouxe apenas uma revolução conceitual, mas também de problemas, métodos, linguagem e modelos. A psicologia da forma encontrou seus limites não em uma revolução posterior que suplantasse seus modelos, mas na ascensão do nazismo nos anos 1930 e conseqüente emigração dos gestaltistas para os Estados Unidos, na época dominados por um paradigma behaviorista.

A alteração conduzida pela Escola de Berlim (de agora em diante chamada de gestaltismo) quanto ao projeto da "Psicologia como ciência da experiência" principia pela radicalização do seu próprio alvo: a experiência. Esta não mais será enfocada pelo viés da física (questão do engano) ou da fisiologia (modelo sensorial); não mais será dividida em imediata e mediata (ou dependente/independente), ou em elementar (sensorial) e complexa (psicológica). Será considerada simplesmente tal como é apreendida por todo e qualquer sujeito - seja um cientista, uma criança, um animal, um louco ou um indivíduo de qualquer cultura. Trata-se do que Köhler chama de campo fenomênico, do que Koffka chama de meio comportamental e Kurt Lewin de espaço vital.

Metodologicamente, há um questionamento do método da introspecção experimental, mostrando-se a artificialidade deste procedimento: não há mais necessidade de treinamento dos sujeitos para se chegar às experiências puras, evitando o "erro do estímulo", qual seja, confundir este nível sensorial com o da experiência cotidiana. Este treinamento, a busca das sensações puras e o risco do

erro do estímulo são considerados pelos gestaltistas como mero preconceito fisiológico, que é tomado por estes como um erro crucial: o “erro da experiência”. O gestaltismo propõe, em contrapartida, uma metodologia mais adequada à experiência tomada em sentido amplo: o método fenomênico. Aqui, o controle não é mais feito sobre o próprio sujeito, mas sobre as condições experimentais que são apresentadas ao sujeito, como as disposições perceptivas. Do sujeito se espera a sua descrição mais pura, seja a de um adulto ou a de uma criança; a de um indivíduo normal ou a do suposto portador de patologia; a de um indivíduo civilizado ou a de outro supostamente primitivo; a de um homem ou a de um animal. Aqui, a psicologia sai da exclusividade do estudo dos indivíduos adultos, normais, civilizados e treinados, como era próprio da psicologia clássica.

O conceito de experiência ampliado também impõe um novo problema, que não é mais o do engano próprio da experiência imediata, pois este juízo depreciador da experiência cotidiana (perante a experiência científica) é também tomado como preconceito da psicologia clássica. Para o gestaltismo, no plano psicológico só há a experiência, e o que importa é o estudo de suas condições de possibilidade, independentemente de tal experiência ser produzida em um laboratório ou no nosso cotidiano. A única diferença entre a experiência comum e a científica é a maior simplicidade desta. Uma frase clássica de Wertheimer assinala essa quase indiferença: “A verdade é um caso da ilusão”. No que tange às condições de possibilidade, vale a pergunta: a nossa experiência é oriunda de um plano sensorial, posteriormente organizado por um fator extrínseco (experiência passada, apercepção, atitudes ou pensamento), ou haveria uma organização intrínseca?

Aqui se impõe a novidade da Escola de Berlim, para a qual há uma auto-organização da nossa experiência que faz com que esta se manifeste através de formas. Estas não seriam meras sínteses ou

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

fusões de sensações: as energias nervosas específicas só existiriam fisiologicamente em nível periférico, não existiriam psicologicamente - seriam meros preconceitos postulados. Ao contrário do que se supõe, o gestaltismo de Berlim não afirmaria simplesmente que o todo da experiência seria mais do que a soma das partes (sensoriais). Isto já tinha sido sustentado anteriormente por Wundt, por exemplo. A concepção gestaltista é de que a função, sentido, ou mesmo existência de uma parte depende do seu conjunto. O que há, antes de tudo, é o conjunto, o contexto ou a forma. Neste caso, o gestaltismo não defenderia uma posição quer associacionista quer sintética, mas estrutural (num sentido distinto do de Titchener). Esta suposição nada teria de esotérica; ela seria, de resto, semelhante à proposta do conceito de campo (como o eletro-magnético) na física.

Mas se o nosso dado original são as formas, como explicá-las? Pelos sentimentos, como fazia a Escola de Leipzig? Aqui o gestaltismo lança mão de dois princípios que explicam não apenas as percepções, mas, partindo delas, todos os fenômenos psicológicos (e mesmo fisiológicos e físicos, conforme o isomorfismo psicológico): 1) A lei da Boa-forma; 2) O princípio de Figura e fundo. A primeira, enunciada por Wertheimer, sintetizaria quatro outras leis subsidiárias que organizam a segregação perceptual dos objetos: a) proximidade; b) semelhança; c) closura; d) boa-continuidade. Em linhas gerais, ele implica que, dadas certas condições, a nossa experiência será sempre a mais simples, regular e simétrica, com o mínimo dispêndio de energia. Aqui se insinua o fundamento desta auto-organização gestaltista: ela estaria calcada no princípio físico de equilíbrio, conforme a segunda lei da termodinâmica, ou princípio de entropia. A nossa experiência se auto-organiza, como qualquer processo físico, na direção da homogeneização, independentemente da nossa experiência passada, apercepção, atitude ou pensamento. Pelo contrário, estes é que são explicados pela maneira como percebemos o mundo e pela Lei da Boa-Forma que a rege.

Mas a Lei da Boa-Forma opera no limite de certas condições, de contrastes que impedem a homogeneização completa da nossa experiência. Estas condições ou contrastes que fazem emergir as formas (ou boas-formas) são sintetizadas no princípio de Figura e Fundo, tal como formulado pelo psicólogo dinamarquês Edgar Rubin (1886-1951). Tal princípio sustenta que temos sempre na experiência uma parte que é tematizada ou central (a figura). Esta experiência dotada de cor, contorno, proximidade e de maior possibilidade de evocação contrasta sempre com um fundo que possui propriedades inversas, mas que é condição para que as figuras venham a emergir. O contraste entre estas propriedades da figura e do fundo pode ser claramente observado nas chamadas figuras ambíguas, em que uma mesma parte tem configurações distintas dependendo do contexto.

Com a lei da Boa-Forma (e sua implícita tendência ao equilíbrio e homogeneização) e o Princípio de Figura e Fundo (e a manutenção do contraste), o gestaltismo explica uma série de fenômenos perceptivos como a tridimensionalidade, a percepção de movimento, a constância perceptiva, a atenção etc. E estas leis, assim como o primado da experiência, vão explicar a totalidade dos fenômenos psicológicos: pensamento, memória, linguagem, aprendizagem, emoção, motivação e processos sociais. Todos dependem de como percebemos uma dada situação, em combinação com as leis que regem essa percepção. Mas estas mesmas leis, segundo o princípio do isomorfismo, encontram-se também nos domínios fisiológico (campo cortical) e físico (nas formas fortes, como o campo eletromagnético). É assim que a postura representacional é herdada pelo gestaltismo: não mais denunciando a fragilidade de nossas representações psicológicas, mas revelando o quanto elas são isomórficas, em termos das leis que as organizam, aos mundos fisiológico e físico. Entre os domínios psicológico, fisiológico e físico

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

impõe-se uma relação de identidade - não em termos de conteúdo, mas devido às formas e às leis que os regem.

Essa é, pois, a nova aliança proposta pelo gestaltismo em torno de uma ciência unificada por um conjunto discreto de leis e princípios, de resto semelhantes aos da física dinâmica - unidade que não se concluiu no campo científico, e nem mesmo na psicologia. Nesta, pode-se dizer que o gestaltismo apenas pôs em questão uma certa interpretação da psicologia como ciência da experiência, doravante entendida como clássica – o que de forma alguma levou à superação derradeira desta, como pode testemunhar a atual retomada dos estudos sobre consciência e atenção, tal como realizada por Pierre Vermesch (Depraz, Vermesch e Varela, 2003: 248-254), com a explícita revisitação dos protocolos elaborados por Wundt, Titchener e pela Escola de Wurzburg. No largo presente que abarca a psicologia, nada no passado é tão antigo ou ultra-passado que não possa vir a ser reativado. Incluindo o próprio gestaltismo de Berlim...

**Arthur Arruda Leal Ferreira**  
**arleal@superig.com.br**  
**André Luis Pereira**

## **Referências Bibliográficas**

CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer*. Massachusetts: MIT Press, 1990.

DANZINGER, Kurt. Wundt's psychological experiment in the light of his philosophy of science. In: *Psychological research*, vol. 42, n 1-2, 1980.

DEPRAZ, Natalie, VARELA, Francisco & VERMESCH, Pierre. *On becoming aware*. Amsterdam & Filadélfia: John Benjamins, 2003.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas* (J. Ginsburg & B. Prado Júnior, Trads.). *Os Pensadores* (vol. XV, pp. 81-150). São Paulo: Abril, 1972 (original publicado em 1641).

ÉCOLE, Jean. *La metaphysique de Christian Wolff*. Verlag, Hildesheim, 1990.

FECHNER, Gustav. *Elements of psychophysics* (H. Adler Trad.). New York: Holt, Rinehart, Winston, Inc, 1966 (livro originalmente publicado em 1860).

GURWITSCH, Aaron. *Developpement Historique de la Gestalt-Psychologie*. Thalès, 2, 1935.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura* (M. P. dos Santos & A. F. Morujão, Trads.). Lisboa: Calouste Gulbekian, 1994 (original publicado em 1781).

KANT, Immanuel *Princípios metafísicos de la ciência de la naturaleza C. Másmela, Trad.*). Madri: Alianza, 1989 (original publicado em 1786).

KEPLER, Johannes *O humor cristalino como uma lente e a inversão de imagem retiniana*. In: BORING, Edwin. & HERRNSTEIN, Richard, J. *Textos básicos em História da psicologia* (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Herder, 1971 (texto originalmente publicado em 1604).

MOLYNEAUX, William. *A imagem retiniana invertida*. In: BORING, Edwin. & HERRNSTEIN, Richard, J. *Textos básicos em História da psicologia* (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Herder, 1971 (texto originalmente publicado em 1692).

MULLER, Johannes. *O tamanho visual subjetivo e a posição com relação à imagem retiniana*. In: BORING, Edwin. & HERRNSTEIN, Richard, J. *Textos básicos em História da psicologia* (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Herder, 1971 (texto originalmente publicado em 1826).

WUNDT, William. *Outlines of Psychology*. Bristol & Tóquio: Thoemmes Press & Maruzen, 1998 (livro originalmente publicado em 1897).

---

<sup>1</sup> "Da sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito" (Descartes 1972/ 1641: 100).

<sup>2</sup> Considerem-se estas citações respectivamente de Johannes Kepler (1571-1630) e William Molyneaux (1656-1698): "Deixo aos filósofos da natureza a discussão da maneira pela qual a imagem... se reúne pelos princípios espirituais da visão que estão na retina e nos nervos..." (Kepler, 1971/1604: 112). "Não é propriamente o

*O projeto da psicologia como ciência da experiência: ascensão e declínio do império dos sentidos.*

---

olho que vê, mas este é apenas o órgão ou instrumento, enquanto é a alma que vê através do olho" (Molyneux, 1971/1692: 120).